A EMIGRAÇÃO DE ELITES DO NOROESTE DE PORTUGAL NO SÉCULO XIX

Henrique Rodrigues

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos o fenómeno migratório, a partir da mobilidade com um único passaporte, excluindo desta abordagem os indivíduos com dois ou mais embarques documentados, obtivemos um volume superior a duas dezenas de milhares de pessoas do sexo masculino[1]. Perante este quadro, faremos uma análise aos fluxos que se inserem na estrutura superior da pirâmide social, considerando que estamos perante evasões de elites sócio-profissionais[2].

Neste texto, não incluímos a abordagem aos estudantes e caixeiros[3], por se tratar de jovens sem definição das actividades que virão a assumir da pirâmide profissional. Por não ser representativa a análise separada de cada um dos mesteres, devido aos volumes, organizámos duas partes diferentes: as elites constituídas por negociantes, comerciantes, capitalistas, empreiteiros, industriais, armadores, ourives e relojoeiros, todos num grupo; o segundo conjunto, a que convencionámos atribuir a classificação de quadros superiores, devido à formação académica de tais indivíduos, está representado por sacerdotes, escreventes, farmacêuticos, engenheiros, bacharéis, guarda-livros e médicos; o terceiro agregado[4] corresponde aos proprietários[5].

Tais surtos de emigrantes do sexo masculino, posicionados no topo da pirâmide sócio-profissional e cultural, correspondem a um quantitativo de 774 movimentos documentados durante o período indicado e representam perto de quatro em cada cem movimentos[6] com uma saída licenciada em Viana do Castelo.

OPÇÕES SAZONAIS DAS ELITES

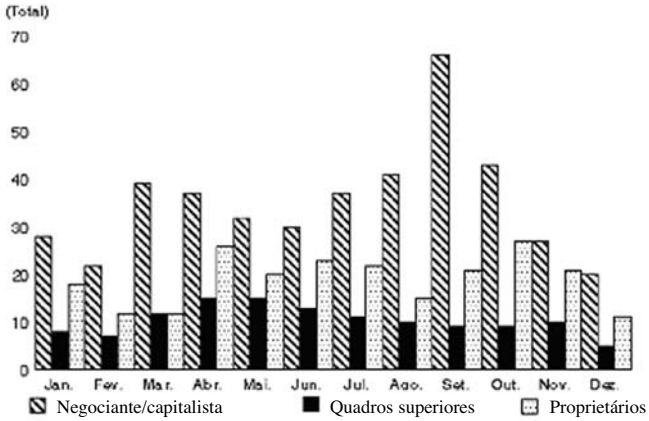
Os proprietários, homens possuidores de bens imóveis, como casas e propriedades fundiárias e outros haveres, distinguem-se dos lavradores pelo estatuto cultural[7]. Entre os proprietários, 3,9% não tinham aprendido a escrever o nome, o que nos permite inserir[8] este grupo no topo da pirâmide social.

Para observarmos os comportamentos de tais indivíduos, face ao momento em que concretizaram oficialmente a obtenção da licença de viagem, organizámos os embarques por grupos, no quadro 1, de maneira a podermos compará-

los e descobrir se apresentam perfis coincidentes no tocante ao mês de aquisição de passaporte.

Os homens do negócio, incluídos no grupo 1, manifestam pouca vontade de atravessar o Atlântico no Inverno, embora de Março a Junho o caudal desenhe uma curva descendente. Dezembro e Fevereiro correspondem aos períodos de menor volume, todavia, o mês de Setembro lidera os quantitativos, seguido pelos de Outubro e de Agosto. Podemos afirmar que estes comerciantes e outros profissionais do ramo, de Outubro até Março, não arriscavam a partida com tanta frequência, ao contrário do fluxo do início da Primavera ou no fim do Verão, como, pela figura 1, se evidencia.

Figura 1: Movimento sazonal do escol sócio-profissional com um passaporte entre 1835-1900



A mobilidade é muito irregular e estes portadores de licenças elegem os meses de Fevereiro, Março e Dezembro como menos apropriados. Tais opções são pouco comuns a outros êxodos, especialmente face aos caudais do início da Primavera. Estes embarques exibem uma lógica orientada por trimestres, onde Abril e Setembro emergem como os tempos mais indicados para os proprietários obterem o bilhete da viagem. Também os meses de Junho e Julho eram dos mais requisitados por estes "emigrantes".

Os quadros superiores, onde se encontram os detentores de habilitações académicas elevadas, com destaque para clérigos, engenheiros, médicos, farmacêuticos, entre outros, ostentam uma distribuição mais regular e compacta, embora a curva sazonal seja muito diferente da que os outros colegas desenharam ao longo dos tempos. O Natal e o Carnaval actuaram sobre estas largadas, como noutros casos, todavia o período da Páscoa e o mês de Maio intervêm como as fases mais agendadas. A seguir, os embarques decaem até Outubro. Desta constatação inferimos que tais fugas não estavam adstritas a lógicas pré-determinadas, como acontece relativamente aos homens do campo, indivíduos comprometidos com o calendário das colheitas. Importa sublinhar que estamos

perante um pequeno agregado de ausências, as quais, quando analisadas com os restantes elementos da elite sócio-cultural, não definem uma estacionalidade com as características evidenciadas por outros profissionais.

No conjunto, e retomando os elementos do gráfico 1, estes grupos arquitectam um quadro onde as vazantes revelam uma tendência de crescimento entre Janeiro a Abril, embora o mês de Fevereiro corresponda ao segundo momento de maior contracção. De Maio a Agosto, as travessias mantêm-se estáveis. Definimos o início do Outono como a fase mais procurada por quem desejava tomar o vapor. A partir deste período, o êxodo entra em fase de contracção até às festas da Natividade, mostrando uma lógica semelhante à de outros segmentos migratórios, porque as lógicas familiares continuam a exercer pressão e controlo sobre quem parte, sendo responsáveis pela sazonalidade da mobilidade demográfica.

MOVIMENTO ANUAL E ALFABETIZAÇÃO

Se o fluxo corresponde a um volume quantitativo pouco relevante, os indicadores de cultura letrada atingem valores bem expressivos. Este cenário justifica a elaboração de uma tabela com a distribuição por anos de saída, de forma a vermos se as ausências arquitectam tendências idênticas às de outros fluxos por nós examinados, já que a sazonalidade revela variações bem demarcadas.

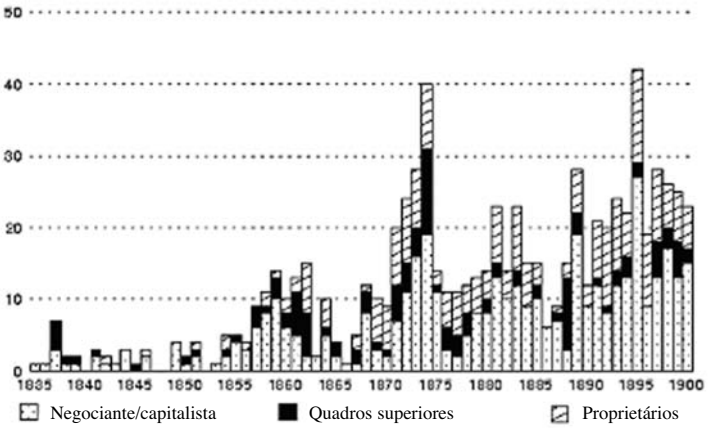
O quadro 2, onde separamos os escolarizados dos remanescentes, mostra os negociantes, os capitalistas e os proprietários com maiores levas em 1895. No final da centúria, temos os maiores caudais destas saídas. A distribuição anual é diferente dos restantes colegas aqui analisados, os detentores de formação académica superior.

Ao observarmos cada um destes pequenos conjuntos, os comerciantes e outros agentes desta área marcam presença em quase todos os anos, contudo, constroem ciclos concentrados à volta de 1859, 1874, 1881/83. Os últimos anos de Oitocentos acusam a pressão destes movimentos, sendo bem significativo o corrimento de meados dos anos noventa.

A representação gráfica com o número dois, onde estão distribuídos os totais de cada grupo por ano, permite-nos ver os proprietários cartografados com uma curva idêntica ao que acabamos de retratar, todavia, a obtenção de passaporte antes de 1870 apresenta-se escassa. Estes emigrantes marcam o ano de 1875 como um dos menos procurados, se considerarmos a presença de dois registos. Os momentos com maiores números de licenças requeridas situam-se na última década de oitocentos.

O escol com formação académica superior emerge com mais relevo nos dois primeiros anos de sessenta e rubrica uma presença assinalável em 1874 e em 1888, o que revela a existência de um fluxo anual diferente de outros grupos.

Figura 2: Distribuição anual de elites sócio-profissionais com um passaporte emitido entre 1835-1900



A imagem, com todas as variáveis, mostra a fuga mais intensa desta nata em 1874 e em 1895, assim como o movimento também é mais activo nos primeiros anos da década de setenta. O ritmo não é sustentado e provoca uma quebra acentuada nos fluxos, sendo recuperado em 1882-1883, para, de novo, se retraírem as requisições de licenças até 1889. Nesta data, voltamos a observar outro estímulo nos embarques, cujo caudal se prolonga pelos últimos anos da centúria. Assim, a distribuição anual deste escol apresenta algum paralelismo com a tendência e com os ciclos do fenómeno migratório do noroeste com o primeiro passaporte.

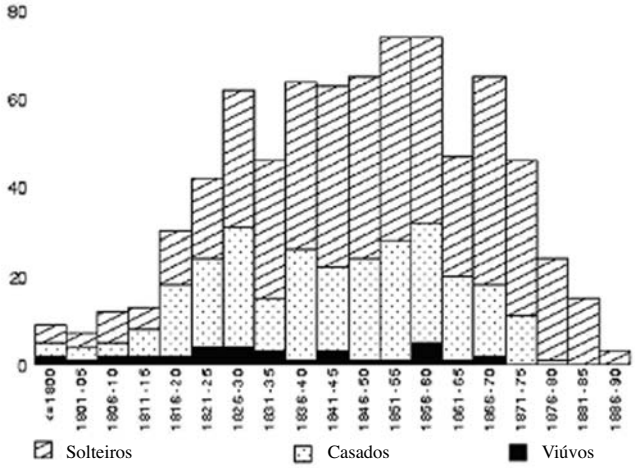
MOVIMENTO DE GERAÇÕES

Ao constatarmos a existência de algumas diferenças nas opções sazonais e nos momentos de obtenção das licenças, cujas alterações são mais notadas entre os do segundo grupo, (negociantes, comerciantes, capitalistas, empreiteiros, industriais, armadores, ourives e relojoeiros) importa saber se as gerações de celibatários e casados anunciam dissemelhanças, especialmente para os impactos observados em determinados anos. O quadro 3 e a figura correspondente permitem ver os quinquénios de nascimento destes indivíduos e os indicadores de instrução expressos através das assinaturas firmadas nos documentos e registos de passaportes.

Os jovens, varões sem compromissos conjugais, são dominados pelas gerações baptizadas desde 1841 a 1870, entre os quais se distinguem os do último quinquénio, embora no lustro anterior (1861-1865) seja visível uma contracção, não tendo estes acompanhado os ritmos dos colegas nascidos no período precedente. A nota dominante vai para os celibatários com um movimento pau-

tado pela regularidade entre os procriados desde 1826 até aos inícios da década de oitenta, contudo, observa-se o fosso provocado pelos nados entre 1861--1865, como referimos. Pelo facto de se tratar de homens sem as responsabilidades conferidas pelo matrimónio, surpreendem-nos os reduzidos números de passaportes impetrados pelos jovens gerados no período de 1886 a 1890, mas esta participação reduzida pode dever-se, em parte, às actividades profissionais decorrentes da formação académica exigida para o desempenho de tais funções, por isso seria inibidora dos embarques de adolescentes com o estatuto profissional e cultural indicado.

Figura 3: Gerações de elites sócio-profissionais por estado civil com um passaporte emitido entre 1835-1900

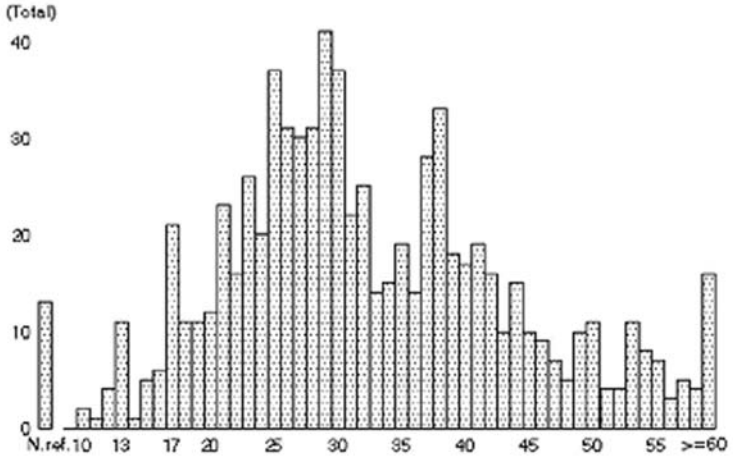


Se os viúvos representam os mais idosos, todos eles concebidos antes da década de setenta, também a expressão numérica destas saídas é insignificante, pois andam pelas quatro dezenas de indivíduos, onde incluímos os sem identificação do respectivo estado civil. De forma idêntica a estes, os que tinham contraído núpcias e ainda continuavam com o núcleo familiar completo, apresentam mais uma estirpe de emigrantes, os registados no lustro de 1871-1875, lógica esta reveladora de um grupo ligeiramente mais novo do que os outros colegas sem cônjuge, os viúvos.

Os consorciados ostentam volumes mais equilibrados entre as várias gerações e são sustentados pelos varões vindos ao mundo entre 1815 e 1875. A partir desta última data, não figuram, no seio destas evasões, homens casados das elites sócio-profissionais. A nossa atenção vai para a presença de movimentos menos intensos de quem viu a luz do dia no período politicamente conturbado, a guerra civil dos anos trinta, pois o primeiro quinquénio não foi favorável a este grupo formado por depositários de responsabilidades conjugais. Importa sublinhar que, a par dos concebidos na década de cinquenta, temos as saídas

protagonizadas pelos registados nos assentos de baptismo na parte final dos anos vinte.

Figura 4: Elites sócio-profissionais por anos de idade com passaporte emitido entre 1835-1900



Ao observarmos a distribuição do quadro 3, descobrimos que os indicadores de instrução atingem cotas máximas entre os emigrantes vindos ao mundo nos períodos seguintes: de 1806 a 1815, na década de sessenta e nos anos oitenta, contudo, a presença dos analfabetos é, como apontámos, irrelevante, por isso classificámo-los como provenientes de um escol muito próximo do topo da pirâmide. A imagem gráfica desenhada com percentagens permite-nos apurar uma relação de viúvos mais intensa entre os nascidos ao início do século. Também os solteiros vão, progressivamente, aumentando o caudal, de forma a termos fluxos constituídos por celibatários procriados depois de 1875, fenómeno bem visível no gráfico 3, além de não encontrarmos fugas de indivíduos baptizados depois de 1891, embora haja treze casos cuja idade não foi possível apurar.

Estes contingentes apresentam uma tendência de envelhecimento do caudal, pois a moda fica nos vinte e nove anos, como se nota através da figura 4. Vejamos, entretanto, a distribuição destes fluxos, de acordo com a idade, à data da obtenção dos documentos de travessia do Atlântico.

O leque etário é vasto e está balizado pelos dez e os setenta anos, para os quais temos, somente, três passaportes identificados. Até aos vinte, a presença é pouco significativa, embora se destaquem os jovens de dezassete, rapazes evadidos antes de atingirem os dezoito anos porque até 1859 era exigido o pagamento de uma fiança militar depois desta idade. O volume relativo a estes mancebos corresponde a onze por cento do êxodo, contudo sobressaem os adultos menores de trinta anos, os quais rubricam 37,7% dos quantitativos.

Passada a fasquia dos trinta, assistimos a uma quebra nestas fugas, embora os adultos de trinta e sete e trinta e oito apareçam com alguma evidência e ajudem a fixar os trintões nos 26,5%, cota bastante elevada por corresponder a mais de um quarto do caudal. Depois de atingirem os quarenta, a pirâmide afunila e faz corresponder este grupo etário a pouco mais de catorze pontos percentuais.

Se estamos perante a diáspora de elites sócio-culturais, também emergem com altos níveis etários, onde os maiores de quarenta correspondem a vinte e três casos em cada cem, sendo o fenómeno dominado por adultos entre os vinte e um e os quarenta de idade, com 64,2% de elementos neste quadro. Assim, temos os de vinte e cinco, os de vinte e nove e os de trinta anos na liderança destes grupos etários.

ORIGEM CONCELHIA E ALFABETIZAÇÃO

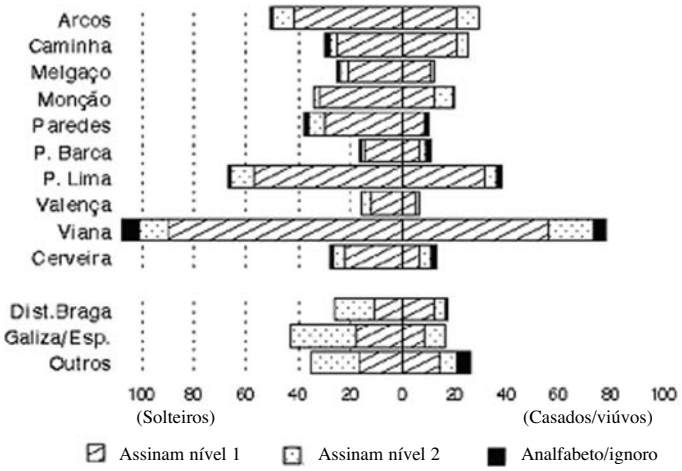
Estas evasões ocorrem a partir de todas as áreas concelhias do Noroeste de Portugal. Entre eles, também estão cento e dezasseis indivíduos oriundos de várias localidades não pertencentes a esta área distrital, como acontece relativamente a galegos, aos provenientes da zona de Braga, além de outras terras. Reunimos, no quadro 4, estes últimos num conjunto identificado por "vários". Assim, faremos uma análise às variáveis da proveniência geográfica por estado civil e indicadores de alfabetização.

A distribuição de tais elementos permite-nos, através do gráfico 4, comparar o movimento e analisar o contributo de cada espaço municipal. No concernente a solteiros inseridos no mais elevado nível de instrução, o Alto-Minho é responsável por 75,9% destes quadros, embora haja cerca de onze por cento a firmar com uma letra de nível menos apurado. Os omissos, sem marcas pessoais de conhecimento do abecedário, juntos aos declarados analfabetos, correspondem, entre os celibatários, a menos de quatro por cada cem movimentos.

As autarquias de Viana do Castelo, Ponte de Lima e Arcos de Valdevez emergem entre as que participaram com maiores volumes desta nata, enquanto que os naturais da Galiza não exibem tão elevado quilate, se considerarmos a presença de indivíduos com assinatura de nível 2 de ambos os estados civis. Apurámos, ainda, que estes emigrantes posicionados no topo da pirâmide sócio-cultural, são liderados pelos homens de Viana do Castelo. Deste espaço geográfico, partiram 26,1% de varões habilitados para gizarem o nome com muita perícia. Os provenientes de Valença e Ponte da Barca ostentam contributos mais modestos, relativamente aos solteiros de todo o Alto-Minho.

A presença de homens comprometidos conjugalmente e escolarizados com os saberes da caligrafia diminui entre os de Viana, a favor dos que grafaram de forma menos apurada, os de nível 2, cujos quantitativos são iguais aos dos colegas sem contratos nupciais. Dos restantes varões casados, os provenientes de Braga superiorizam-se aos mancebos; por sua vez, os galegos solteiros têm uma presença mais relevante do que os colegas consorciados e com responsabilidades nos lares.

Figura 5: Elites sócio-profissionais por concelhos, estado civil e níveis de alfabetização, saídos entre 1835-1900

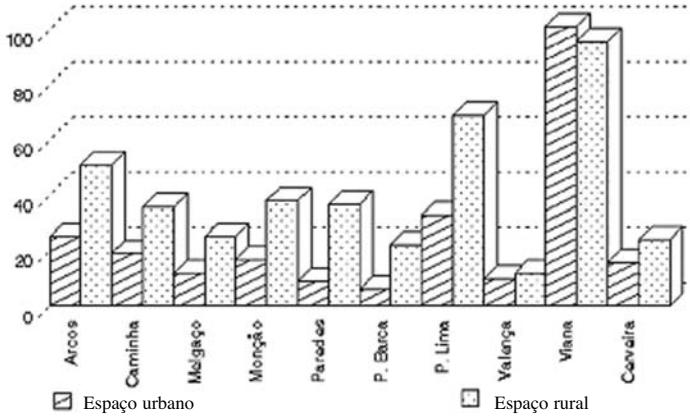


A comparação destes quantitativos, relativamente à contribuição de cada área, por estado civil, permite-nos asseverar que os celibatários detêm maior cota relativamente aos êxodos de Paredes de Coura e Valença, embora os totais desta última autarquia não atinjam a meia centena de homens. Nos municípios de Caminha e de Viana do Castelo, os casados e viúvos imperam sobre os colegas sem compromissos maritais, com mais de quarenta por cento dos respectivos embarques, quando a média do distrito exibe uma cota próxima dos trinta e sete pontos, contra os restantes sessenta e três por cento de celibatários.

ELITES RURAIS E URBANAS

Dissemos que os embarques eram compostos por indivíduos oriundos de várias edilidades, algumas das quais não são pertencentes ao Alto-Minho, todavia, 84,8% das licenças emitidas foram para esta região. Face a tais cômputos, interrogamo-nos sobre a proveniência do mundo rural e urbano, ou seja, que comunidades contribuem para estas fugas e que terras se destacam nestes cenários? Para análise das duas variáveis, elaborámos o gráfico 5, onde os valores estão distribuídos pelos dois grupos: os das urbes e os dos espaços rurais. O mundo urbano tem um destaque quantitativo menos assinalável do que o campestre, fenómeno que não é de estranhar, considerando o total de aldeias de cada concelho. Mas a imagem referida mostra-nos, em Viana do Castelo, a inversão desta lógica, sendo a dianteira tomada pelos nascidos na própria cidade, relegando para segundo plano os naturais das restantes freguesias do município, embora estes emigrantes ostentem números muito realçados quando comparados com os colegas das outras áreas.

Figura 6: Distribuição de elites sócio-profissionais do Alto Minho por espaços urbanos, saídos entre 1835-1900



A figura anterior também permite constatar a existência de uma distribuição entre as comunidades rurais e urbanas com equilíbrio em Viana do Castelo e Valença, enquanto que Paredes de Coura e Ponte da Barca têm uma representação dominada pelas elites saídas das aldeias, além de estarmos perante contributos de pouca monta neste último município e no de Valença.

A cartografia destes êxodos, representados no mapa 1, permite-nos uma imagem diferente da dicotomia rural/urbano, pois conseguimos descobrir as paróquias de maior impacto e as manchas mais densas ou os lugares sem qualquer contributo deste escol sócio-cultural e profissional.

O concelho de Arcos de Valdevez aparece pouco povoado, onde vinte e três aldeias não figuram nesta carta, além de mais duas dezenas terem sido representadas por um ou dois elementos. Todavia, destacamos Sabadim e Prozelo com sete e doze varões, respectivamente. Ao contrário de outros grupos, nesta área, observa-se um "deserto" a Norte do centro administrativo, tendo a vila deixado escapar vinte e cinco membros das elites.

O município de Ponte da Barca, excluiu deste cenário, onze sítios. A própria sede autárquica só cooperou com seis emigrantes deste quilate, mas, ao longo do rio Lima, emerge uma implantação mais composta, com destaque para as aldeias Bravães, Touvedo e Vila Nova de Muía, com três homens cada. O contributo deste espaço geográfico continua a ser parcimonioso e aglomera-se numa zona próxima do centro administrativo, o que origina várias falhas na área de divisão com Ponte de Lima e com o distrito de Braga.

A edilidade de Ponte de Lima, à semelhança de Arcos de Valdevez, conta com vinte e três povoados sem representação desta nata e com trinta e três membros da elite sócio-cultural na respectiva urbe. A dispersão destes indivíduos é bem visível e apresenta maior implantação a Sul, em redor das terras de São Julião de Freixo e da Correlhã, onde as evasões compreendem seis e sete

pessoas. De Arcozelo fugiu o segundo maior volume, com nove indivíduos. Sublinhe-se o facto de haver nove paróquias, ao longo do curso fluvial, de onde se evadiram estes profissionais, assim como em Ponte da Barca há sete localidades e na área de Arcos de Valdevez cinco, todos provenientes de locais distendidos ao longo do curso fluvial.

Em Viana do Castelo ocorre a concentração de maior impacto destes varões, de onde embarcaram cento e um homens de estatuto social demarcado. Entre eles, quarenta e cinco fazem referência ao nascimento na urbe; trinta e sete anotaram o baptismo na paróquia de Santa Maria Maior, tendo os restantes dado a freguesia Monserrate como local de naturalidade. As povoações dispostas ao longo do vale do rio Lima, curso fluvial que atravessa este concelho, formam um grupo de dez. Entre elas sobressaem Portuzelo com nove elementos, Darque com dez emigrantes e nove naturais de Barroselas, vila situada na margem do rio Neiva. O impacto é mais notado, nesta área, devido à existência de seis aldeias a Norte do Lima sem qualquer contributo, embora tenhamos mais quatro terras em branco na margem Sul.

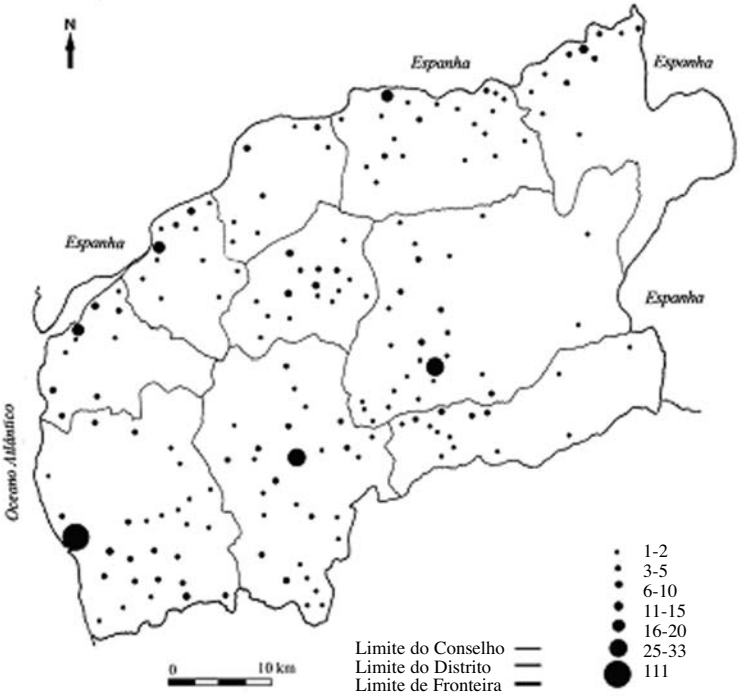
A imagem a reter sobre os que deixaram o coração do Alto-Minho, o município de Paredes de Coura, é diferente de outras autarquias. Só quatro paróquias não contribuíram com membros desta elite sócio-profissional. As terras mais próximas do centro emergem deste representação e a vila de Paredes de Coura, com nove homens, pouco se destaca das freguesias de Ferreira e Infesta com seis indivíduos cada. Sublinhamos, ainda, o contributo de Formariz e Padornelo com cinco evasões deste escol proveniente do mundo rural.

Ao longo do rio Minho, continuamos a observar uma malha sem uniformidade na distribuição. Caminha limitou-se a ver partir homens de dez povoações, das quais se destacam a própria sede com dezanove embarques, Seixas e Vila Praia de Âncora com dez, seguindo-se a freguesia de Âncora com cinco emigrantes. Não há registos na zona serrana, como aconteceu a outras autarquias. A distribuição apresenta mais indivíduos desta nata profissional, ao longo das margens do rio Âncora.

Vila Nova de Cerveira assoma como uma excepção, se considerarmos que só três localidades não intervieram nestes cenários e entre elas a aldeia de Covas, terra com bastante impacto na emigração de lavradores e agricultores. Se a área urbana contribuiu com dezasseis elementos, a paróquia de Campos aparece na segunda posição, com nove membros. As restantes, além de Reboreda com três, limitam-se a contribuir com uma ou dois homens deste estatuto.

Neste contexto, o concelho de Valença do Minho é dos mais estéreis. Dos vinte e dois casos, distribuídos por metade das povoações, cabem dez aos nascidos na vila; três a Cerdal e outros tantos a Friestas; dois a Gondomil, e os restantes aqui cartografados ficam representados pelo número mínimo.

Mapa 1: Elites sócio-profissionais do Alto Minho por paróquias saídas com uma licença entre 1835-1900



A cobertura está bem distribuída por toda a área do município de Monção, embora não corresponda à autarquia com melhor contributo, pois a maior parte das terras só permitiu a saída de um ou dois homens. Os espaços geográficos sem figuração nesta cartografia são dez. Cabem dezassete indivíduos do topo da pirâmide social à vila, enquanto que as aldeias de Moreira e a de Longos Vales detêm, respectivamente, quatro e cinco membros cada.

Melgaço, a edilidade mais a Norte, mostra-nos uma imagem diferente da zona anterior. Aqui, as localidades distendidas ao longo do rio Minho contribuem com mais saídas deste escol. Se da própria sede municipal embarcaram doze homens, as aldeias de Cristóval e Chaviães, no extremo fronteiriço, concorreram com um total de dez membros. Também sublinhamos o contributo da freguesia de Prado por aparecer com quatro membros da elite nascida na periferia. Sete povoações arraigadas à serra figuram sem qualquer registo de ausências destes quadros superiores.

Estes movimentos exibem um indelével carácter urbano, pois os dez centros concelhios são responsáveis por 248 embarques destes varões, o correspondente a 37,8% de indivíduos com formação superior, sendo os restantes provenientes do mundo rural do Alto-Minho. Raramente as aldeias surgem com um número destacável desta nata, contudo as terras de Darque (Viana), Vila Praia

de Âncora e Seixas (concelho de Caminha) conseguiram rubricar uma dezena de êxodos cada. Também encontramos nove pessoas nas paróquias seguintes: Campos, (Cerveira) Correlhã (P. de Lima), Barroselas e Portuzelo (ambas de Viana). A cobertura, como apontámos, deixou algumas áreas desertas, com cento e dez povoados sem intervenção nestes movimentos, de um universo correspondente a 288 freguesias existentes no século XIX, donde resulta uma distribuição correspondente a cerca de sessenta e dois por cento das localidades do Alto-Minho aqui representadas com os melhores quadros deste grupo sócio-profissional.

ÁREAS DE DESTINO

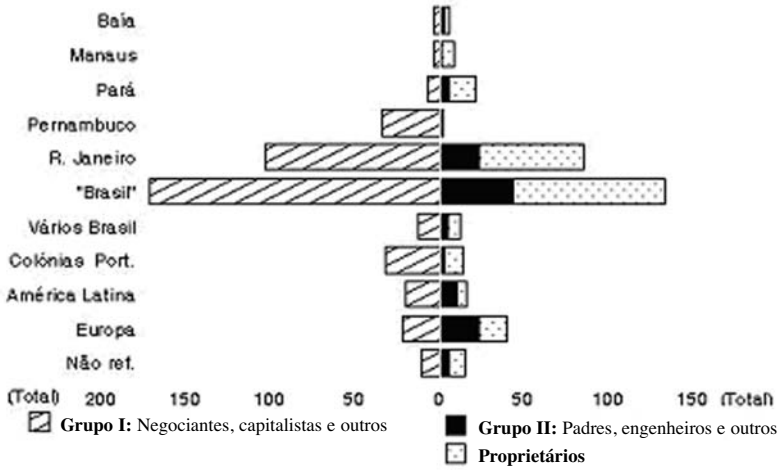
Uma questão que se levanta sobre estes emigrantes provenientes de estratos sociais elevados tem a ver com a direcção para onde seguiram, pois nem sempre devem ter deixado a terra para assumirem um estatuto de "emigrante", embora tenham saído com passaporte. Alguns indivíduos viajaram para a Europa, outros seguiram para as colónias portuguesas, mas a maior parte atravessou o Atlântico, rumo à América Latina.

As indicações relativas ao destino destes movimentos estão sintetizadas no quadro 5, onde aparecem arrolados 78% de movimentos rumo ao Brasil. Para a Europa, dirigiram-se oito por cento. As colónias portuguesas aparecem com uma cotação próxima dos seis pontos percentuais.

Se alguns casos mencionam, com rigor, terras como: Ceará, Campos, Carril, Maranhão, Rio Grande do Sul, Santos, São Paulo e Vitória, agrupadas por nós em "vários Brasil", outras foram averbados separadamente, como a Baía, Manaus, Pará, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Os do grupo 1, composto por negociantes, comerciantes, capitalistas, empreiteiros, industriais, armadores, ourives e relojoeiros, registaram como locais para o negócio, além da capital do Império, Pernambuco e as colónias portuguesas. Também encontrámos pequenos fluxos em direcção à Europa e Argentina. Os que caminharam para terras de Vera Cruz e não anotaram o local específico aparecem com uma cota de instruídos mais baixa do que a média, ao contrário dos que tinham indicado a cidade ou estado com rigor, como Baía, Manaus, Pará, Pernambuco e outros locais. Estes são todos homens estudados, pois só um não tem elementos sobre o grau de habilitações. Tal cenário tem paralelo com os que seguiram viagem para as colónias portuguesas e para a Argentina, todos eles demonstraram indicadores de escolarização.

Figura 7: Áreas de destino do escol sócio-profissional e cultural saído com um passaporte, entre 1835-1900



O conjunto composto por padres, escreventes, farmacêuticos, engenheiros, bacharéis, guarda-livros e médicos (grupo 2), como era de conjecturar, não apresenta qualquer elemento desprovido de cultura letrada, bem pelo contrário, são profissionais provenientes do mais elevado patamar da pirâmide sócio-cultural. Quase todos, além de poderem ser rotulados como líderes de opinião, tiveram uma formação académica superior ou mesmo universitária. As áreas de destino escolhidas por tais homens continuam a ser as que registámos no quadro anterior, onde o Pará assoma meia dúzia destes membros, mas a ex-colónia portuguesa recebe pouco mais de sessenta e seis por cento deste conjunto. A Europa rivaliza de perto com o Rio de Janeiro e a Argentina também aparece com um dezena de membros deste grupo. Dos que impetraram passaporte para o espaço europeu, dois registos não contêm sinais de literacia, todavia, parece improvável que esses emigrantes estivessem desprovidos de competências da arte da escrita.

Os arrolados como proprietários detêm um peso assinalável, com perto de trinta varões em cada cem ausências, e dão preferência ao Rio de Janeiro e ao Pará, ao contrário dos colegas do primeiro, que anotaram o embarque para Pernambuco. Sublinhe-se, também, a existência de proprietários que seguiram para as colónias de África, embora o número seja inferior aos que designaram a Europa ou o Pará. Note-se, ainda, entre estes profissionais encaminhados para o Brasil, a presença de mais de cinco por cento de elementos sem marcas de cultura letrada ou mesmo desprovidos de tais competências.

Em conclusão, assiste-nos sublinhar que a Baía e Manaus, além das terras incluídas em "vários", correspondem a opções cujas cotas são muito reduzidas, porque não eram as preferências destes homens de nível superior. Os destinos do grupo 1 são específicos. Além do Rio de Janeiro, Pernambuco emerge entre

as áreas mais procuradas. Se os proprietários anunciam preferencialmente o Pará, os do grupo 2 assestam a Europa. A macrocefalia do Rio de Janeiro revela-se na escolha da maioria destes homens, sendo o mais preferido pelos do agrupamento 1. As parcelas totais mostram-nos que as intenções de evasão, depois dos que indicaram somente o Brasil, recaem na capital da ex-colónia do século XIX, como se ilustra através da figura 6. De imediato temos as deslocações pela a Europa, seguidas pelos embarcados para terras de África. Pernambuco rivaliza com outros destinos como a América Latina, locais que acolheram três dúzias de varões da elite sócio-cultural.

Ao compararmos os do primeiro agrupamento com os restantes, os números exibem algum paralelismo, todavia, os proprietários e os do grupo 2 dominam entre os requerentes de licença para a Europa e o Pará, enquanto que África e Pernambuco têm mais peso para os do conjunto 1. As grandes opções são sempre o "Brasil" e Rio de Janeiro.

Tabela 1: Movimento sazonal de elites sócio-profissionais com passaporte emitido em Viana do Castelo entre 1835-1900

MESES	**GRUPO 1***			**GRUPO 2****			**PROPRIETÁRIOS**			**TOTAL MOVIMENTO**		
	Ass.	**Ana/ign**	**Total**	**Ass.**	**Ignora**	**Total**	**Ass.**	**Ana/ign**	**Total**	**Ass.**	**Ana/ign**	**Total**
Janeiro	26	2	28	8	0	8	16	2	18	50	4	54
Fevereiro	22	0	22	7	0	7	12	0	12	41	0	41
Março	38	1	39	12	0	12	12	0	12	62	1	63
Abril	34	3	37	15	0	15	25	1	26	74	4	78
Maio	29	3	32	14	1	15	19	1	20	62	5	67
Junho	26	4	30	13	0	13	23	0	23	62	4	66
Julho	34	3	37	10	1	11	21	1	22	65	5	70
Agosto	38	3	41	10	0	10	14	1	15	62	4	66
Setembro	65	1	66	9	0	9	20	1	21	94	2	96
Outubro	42	1	43	9	0	9	26	1	27	77	2	79
Novembro	27	0	27	10	0	10	19	2	21	56	2	58
Dezembro	19	1	20	5	0	5	9	2	11	33	3	36
Totais	**400**	**22**	**422**	**122**	**2**	**124**	**216**	**12**	**228**	**738**	**36**	**774**

(*) negociantes, comerciantes, capitalistas, empreiteiros, industriais, armadores, ourives, relojoeiros.
(**) padres, escreventes, farmacêuticos, engenheiros, bacharéis, guarda-livros, médicos.

Tabela 2: Movimento anual de elites sócio-profissionais com um passaporte emitido entre 1835-1900

ANO DE EMISSÃO	GRUPO 1*			GRUPO 2**			PROPRIETÁRIOS			TOTAL MOVIMENTO		
	Assi	Rest.	Total	Ass.	Rest.	Total	Ass.	Rest.	Total	Ass.	Rest.	Total
1835	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1
1836	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
1837	2	1	3	3	1	4	0	0	0	5	2	7
1838	1	0	1	1	0	1	0	0	0	2	0	2
1839	1	0	1	1	0	1	0	0	0	2	0	2
1840	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1841	2	0	2	1	0	1	0	0	0	3	0	3
1842	1	0	1	0	0	0	1	0	1	2	0	2
1843	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
1844	3	0	3	0	0	0	0	0	0	3	0	3
1845	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1
1846	2	0	2	0	0	0	1	0	1	3	0	3
1847	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1848	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1849	4	0	4	0	0	0	0	0	0	4	0	4
1850	1	0	1	1	0	1	0	0	0	2	0	2
1851	1	1	2	1	0	1	1	0	1	3	1	4
1852	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1853	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
1854	2	0	2	1	0	1	2	0	2	5	0	5
1855	4	0	4	1	0	1	0	0	0	5	0	5
1856	3	0	3	0	0	0	1	0	1	4	0	4
1857	5	1	6	3	0	3	0	0	0	8	1	9
1858	7	1	8	1	0	1	2	0	2	10	1	11
1859	8	2	10	3	0	3	1	0	1	12	2	14
1860	6	0	6	2	0	2	2	0	2	10	0	10
1861	5	0	5	6	0	6	2	0	2	13	0	13
1862	2	0	2	6	0	6	7	0	7	15	0	15
1863	2	0	2	0	0	0	0	0	0	2	0	2
1864	5	0	5	1	0	1	4	0	4	10	0	10
1865	1	1	2	2	0	2	0	0	0	3	1	4
1866	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
1867	1	0	1	2	0	2	2	0	2	5	0	5
1868	8	0	8	3	0	3	1	0	1	12	0	12
1869	3	0	3	1	0	1	5	1	6	9	1	10
1870	2	0	2	1	0	1	5	1	6	8	1	9

Cont.

ANO DE EMISSÃO	GRUPO 1*			GRUPO 2**			PROPRIETÁRIOS			TOTAL MOVIMENTO		
	Ass.	Rest.	Total	Ass.	Rest.	Total	Ass.	Rest.	Total	Ass.	Rest.	Total
1871	7	0	7	5	0	5	8	0	8	20	0	20
1872	11	0	11	4	0	4	9	0	9	24	0	24
1873	15	1	16	4	0	4	8	0	8	27	1	28
1874	14	5	19	12	0	12	6	3	9	32	8	40
1875	10	1	11	1	0	1	2	0	2	13	1	14
1876	3	0	3	3	0	3	4	1	5	10	1	11
1877	2	0	2	3	0	3	6	0	6	11	0	11
1878	8	0	8	3	0	3	4	0	4	15	0	15
1879	6	0	6	0	0	0	5	0	5	11	0	11
1880	8	0	8	2	0	2	4	0	4	14	0	14
1881	11	2	13	2	0	2	7	1	8	20	3	23
1882	9	1	10	0	0	0	4	0	4	13	1	14
1883	12	0	12	2	0	2	9	0	9	23	0	23
1884	8	1	9	0	0	0	6	0	6	14	1	15
1885	10	0	10	2	0	2	3	0	3	15	0	15
1886	6	0	6	0	0	0	0	0	0	6	0	6
1887	7	0	7	1	0	1	1	0	1	9	0	9
1888	3	0	3	10	0	10	2	0	2	15	0	15
1889	18	1	19	3	0	3	6	0	6	27	1	28
1890	9	0	9	0	0	0	3	0	3	12	0	12
1891	12	0	12	1	0	1	8	0	8	21	0	21
1892	8	0	8	1	0	1	11	0	11	20	0	20
1893	11	1	12	1	1	2	9	1	10	21	3	24
1894	13	0	13	3	0	3	6	0	6	22	0	22
1895	27	0	27	2	0	2	12	1	13	41	1	42
1896	8	1	9	0	0	0	10	0	10	18	1	19
1897	13	0	13	5	0	5	9	1	10	27	1	28
1898	17	0	17	3	0	3	6	0	6	26	0	26
1899	13	0	13	5	0	5	6	1	7	24	1	25
1900	15	0	15	2	0	2	5	1	6	22	1	23
Totais	**400**	**22**	**422**	**122**	**2**	**124**	**216**	**12**	**228**	**738**	**36**	**774**

(*) Negociantes, comerciantes, capitalistas, empreiteiros, industriais, armadores, ourives, relojoeiros.
(**) Padres escreventes, farmacêuticos, engenheiros, bacharéis, guarda-livros, médicos.

Tabela 3: Grupos etários de elites profissionais por estado civil e instrução saídos com um passaporte entre 1835-1900

ANOS DE NASCI-MENTO	SOLTEIROS				CASADOS				VIÚVOS E DESCONHECIDOS			
	Ass.	Analf	Ign.	Total	Ass.	Analf	Ign.	Total	Ass.	Analf	Ign.	Total
<=1800	4	0	0	4	2	1	0	3	1	1	0	2
1801-1805	3	0	0	3	3	0	0	3	0	0	1	1
1806-1810	7	0	0	7	3	0	0	3	2	0	0	2
1811-1815	5	0	0	5	6	0	0	6	2	0	0	2
1816-1820	11	1	0	12	15	1	0	16	2	0	0	2
1821-1825	16	2	0	18	19	0	1	20	4	0	0	4
1826-1830	29	2	0	31	25	1	1	27	4	0	0	4
1831-1835	30	1	0	31	10	2	0	12	3	0	0	3
1836-1840	37	1	0	38	23	2	0	25	1	0	0	1
1841-1845	39	0	2	41	17	2	0	19	3	0	0	3
1846-1850	41	0	0	41	22	1	0	23	1	0	0	1
1851-1855	44	2	0	46	27	0	0	27	1	0	0	1
1856-1860	41	0	1	42	25	0	2	27	5	0	0	5
1861-1865	27	0	0	27	19	0	0	19	1	0	0	1
1866-1870	47	0	0	47	16	0	0	16	2	0	0	2
1871-1875	34	0	1	35	10	0	1	11	0	0	0	0
1876-1880	21	1	1	23	1	0	0	1	0	0	0	0
1881-1885	15	0	0	15	0	0	0	0	0	0	0	0
1886-1890	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0
1891-1895	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1895-1900	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
[Omisso]	2	0	2	4	2	0	0	2	5	0	2	7
Total	**456**	**10**	**7**	**473**	**245**	**10**	**5**	**260**	**37**	**1**	**3**	**41**

Tabela 4: Distribuição das saídas de elites sócio-profissionais por estado civil, alfabetização e origem concelhia, entre 1835-1900

CONSELHOS DE ORIGEM	SOLTEIROS				CASADOS, VIÚVOS E DESCONHECIDOS			
	Níveis de ass.	Analf.	Ignora	Total	Níveis de ass.	Analf.	Ignora	Total
Arcos	42	8	1	51	21	8	0	29
Caminha	25	3	2	30	21	4	0	25
Melgaço	21	3	1	25	11	1	0	12
Monção	32	2	0	34	12	7	1	20
Paredes	30	6	2	38	8	1	1	10
P. Barca	15	1	1	17	6	3	2	11
Ponte Lima	57	9	1	67	31	5	2	38
Valença	12	4	0	16	5	1	0	6
Viana	90	11	7	108	56	17	5	78
Cerveira	22	5	1	28	6	5	2	13
Alto Minho	346	52	16	414	177	52	13	242
Baixo Minho	11	4	0	15	12	4	1	17
Espanha	18	7	1	26	8	8	0	16
Vários	17	1	0	18	14	7	5	26
Total	**392**	**64**	**17**	**473**	**211**	**71**	**19**	**301**

Tabela 5: Áreas de destino e alfabetização de elites sócio-profissionais com um passaporte emitido entre 1835-1900

ÁREAS DE DESTINO	GRUPO 1			GRUPO 2			PROPRIETÁRIOS			TOTAL MOVIMENTO			
	Ass.	Ana/ign	Total	Ass.	Ignora	Total	Ass.	Ana/ign	Total	Ass.	Ana/ign	Total	%
Baía	4	0	4	3	0	3	3	0	3	10	0	10	1,3
Manaus	4	0	4	1	0	1	6	1	7	11	1	12	1,5
Pará	7	0	7	6	0	6	15	0	15	28	0	28	3,6
Pernambuco	33	1	34	1	0	1	1	0	1	35	1	36	4,7
Rio de Janeiro	99	4	103	23	0	23	58	4	62	180	8	188	24,3
"Brasil"	161	11	172	43	0	43	85	5	90	289	16	305	39,4
Vários Brasil (*)	13	0	13	5	0	5	7	0	7	25	0	25	3,2
Colónias portug.	32	0	32	3	0	3	10	1	11	45	1	46	5,9
América Latina	20	0	20	10	0	10	6	0	6	36	0	36	4,7
Europa	17	5	22	21	2	23	16	1	17	54	8	62	8,0
Não referido	10	1	11	6	0	6	9	0	9	25	1	26	3,4
Totais	**400**	**22**	**422**	**122**	**2**	**124**	**216**	**12**	**228**	**738**	**36**	**774**	**100**

(*) Ceará, Campos, Carril, Maranhão, Rio Grande do Sul, Santos, São Paulo e Vitória.

FONTES

Relatórios sobre o estado da administração publica nos Districtos Administrativos do Continente do Reino e Ilhas Adjacentes em 1860, Lisboa, Imprensa Nacional, 1865.

BIBLIOGRAFIA

MADUREIRA, Nuno Luís (coord.) (2002), *História do Trabalho e das Ocupações*, III Volume, Lisboa: Celta Editora.

MARTINS, Oliveira (1956), *Fomento Rural e Emigração*, Lisboa: Guimarães Editores.

RODRIGUES, Henrique Fernandes (2003), *Alto-Minho no Século XIX, contextos migratórios, sócio-culturais e familiares*, Porto: Faculdade de Letras.

SILVA, Fernando Emygdio (1917), *Emigração portuguesa*, Coimbra: França e Arménio Livreiros Editores.

SILVA, Francisco Ribeiro da (1992), *A Alfabetização em Arouca nos meados do século XIX (alguns dados)*. Separata de *Poligrafia* 1, [s.l.], Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão.

NOTAS

1 RODRIGUES, 2003: 223-590, trabalho disponível na Universidade do Porto e na Biblioteca Municipal de Viana do Castelo. Sobre a problemática das fontes e da numerosa bibliografia consultada, remetemos, por questões de espaço, para este nosso trabalho.

2 Tivemos em consideração, além do perfil ocupacional, elementos de alfabetização, construindo, desta forma, um agregado pautado por elevados índices de literacia, como veremos.

3 Para uma visão mais alargada sobre este segmento sócio-profissional, ver *Embriões de elites pela via da emigração no século XIX*, comunicação apresentada por nós no Congresso Internacional, Braga, 2005, que se encontra no prelo.

4 Para 1906 e 1913, a organização apresentada por Emygdio da Silva associa proprietários a capitalistas, todavia, nós optámos por tratar os proprietários separadamente, considerando o número de movimentos existentes (SILVA, 1917: 163). Também Oliveira Martins separou os proprietários dos restantes emigrantes, que representavam, em 1887, 4% dos êxodos (MARTINS, 1956).

5 A classificação de proprietário raramente se aplica antes da implantação do Liberalismo e está quase sempre associada à posse de ofícios, mas estes indivíduos emergem da nova ordem sócio-política e aparecem nas listas de recenseamento eleitoral. É o paradigma do estatuto social notável que foi gerado com o Liberalismo (MADUREIRA, 2002: 4).

6 Embora Oliveira Martins tenha sublinhado que «*as informações de que dispomos referem-se exclusivamente ao ano de 1887 e são extremamente incompletas*», registou um total de 654 proprietários, o equivalente a 4%, valor que não está muito afastado das "elites" que temos para Viana do Castelo com um só passaporte, contudo, o total de proprietários com uma ou várias licenças é superior a sete centenas de movimentos, o que equivale a pouco mais de 2,1% da totalidade de emissões, onde se incluem os refluxos, como veremos ao tratar deste segmento migratório (MARTINS, 1956: 230).

7 Ribeiro da Silva, ao analisar um universo profissional cerrado «*típico de uma sociedade rural*», estuda uma listagem respeitante aos cidadãos votantes para eleição de Deputados. Aqui, num total de 53 proprietários, 77,4% eram homens com capacidades intelectuais e competentes para a leitura de um texto, todavia estes indicadores eram mais baixos entre os casados, com uma cota situada ligeiramente acima dos 67,9%, enquanto que os viúvos registados neste universo eram poucos, mas esta meia dúzia sabia ler. Os celibatários aproximam-se dos oitenta e dois pontos percentuais (SILVA, 1992: 21-37). Os valores exibidos foram calculados por nós, a partir de uma breve análise à lista nominativa, onde constam variáveis geográficas, etárias, estado civil, entre outras, como a capacidade para a leitura e a décima paga por cada indivíduo, além da profissão. É uma fonte que «*provavelmente silencia os mais desfavorecidos economicamente que seriam presumivelmente também os mais iletrados*», opina Francisco Ribeiro da Silva (p. 23), todavia, é um trabalho muito meritório por facultar o cruzamento de múltiplas variáveis e por trazer à luz do dia uma nova fonte para o estudo da alfabetização no século XIX.

8 Para o Alto-Minho, sobre a estrutura das «*artes e ofícios*», que aparecem separados das «*artes liberais*» e do «*pessoal commerciante*» veja-se *Relatorios sobre o estado da administração publica….*, 1865: 18-20.